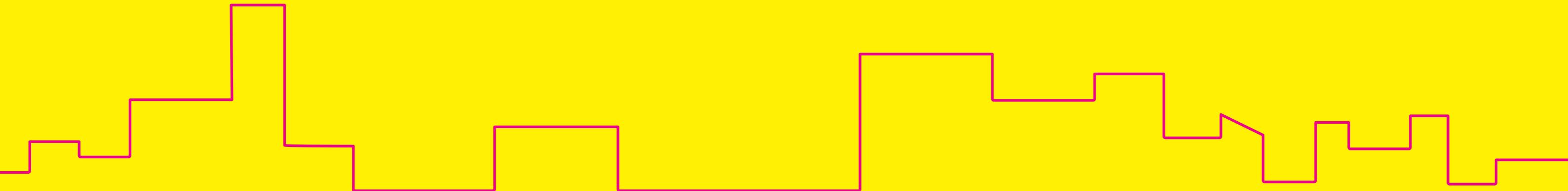


POÉTICAS DA VÁRZEA

unesp proec Ateliê 397



ateliê 397

IA-Unesp

POÉTICAS DA VÁRZEA

unesp 

pró-reitoria de extensão universitária e cultura
proec 
unesp

Ateliê 397

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

P745 Poéticas da Várzea / [Coordenação Renata Pedrosa ; organização Andréia Miranda, Bruna Fernanda, Caio Bonifácio]. - São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, 2024.
131 p. : il. color.

Livro organizado a partir do projeto de extensão universitária Poéticas da Várzea: Investigações Artísticas no Bairro da Barra Funda (Edital Proec Nº 01/2023 - "Vamos Transformar o Mundo").
ISBN: 978-65-88778-12-8

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Curadoria.
4. Arte - Exposições. 5. Barra Funda (São Paulo, SP). I. Título. II. Pedrosa, Renata, 1967-. III. Miranda, Andréia. IV. Fernanda, Bruna. V. Bonifácio, Caio.

CDD 709.050981

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

Projeto de Extensão Universitária:

Poéticas da Várzea: Investigações Artísticas no Bairro da Barra Funda
Edital Proec Nº 01/2023 - "Vamos Transformar o Mundo"

Alínea C - Ação Cultural Extensionista

Coordenadora: Renata Pedrosa

Coordenadora Adjunta: Andréia Miranda

Realização:

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp
Ateliê397

Orientação e organização:

Andréia Miranda
Bruna Fernanda
Caio Bonifácio
Renata Pedrosa

Design e projeto do catálogo:

Matheus Carmanhani

Ateliê397

Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeane Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti

Produção executiva: Jeane Gonçalves

Design e comunicação: Bruna Fernanda, Thiá Sguoti

Peças gráficas:

Flavushh

Edição de vídeo:

Jopê

Fotos:

Brunnin R.
Jopê

Texto curatorial:

Luah Souza
Pauli Carvalho

Participantes (2023-2024):

alrescha
Augusto Calixto
Brunnin R.
Camila Longo
Daília Almeida
Flavushh
Gustavo Santana
Henrique.exe
Jopê
Ju Arruda
Luah Souza
Lucas Brochini
Lu Martins
Miguel Palmeira
Pauli Carvalho
Thiago Bueno Gomes
Yasmim Có

Agradecimentos:

Alexandre Gomes Marques, Daniel Bottos Tomoyose; Nilza Falcao Gomes Marques; Pedro Yukio Barros Hamaya; Rafael Gomes Marques

sumário

1

Playlist. 16
Cartografias. 20

2

Saída fotográfica. 32
Fragments... 44

3

Intervenções. 64

zona autônoma de passagem. 66
o silêncio na casa de ruído. 74
residência nilza. 80
controle de pragas. 88

4

**Poéticas além
da várzea.** 100
ensaio I. 106
ensaio II. 116

introdução

O projeto de extensão **Poéticas da Várzea: Investigações Artísticas no Bairro da Barra Funda** é uma parceria entre o **Instituto de Artes da Unesp (IA-Unesp)** e o **Ateliê397**, um espaço de arte independente em atuação há 20 anos em São Paulo. Criado em 2022, o projeto nasceu da vontade de profissionais das duas instituições de promover diálogos entre si e com o entorno. Tanto o IA-Unesp quanto o Ateliê397 ficavam no bairro da Barra Funda, a poucos quarteirões um do outro. O trajeto de um lugar ao outro tem uma forte ocupação residencial, a presença de pequenos comércios (como

restaurantes, padarias e farmácias), grandes edifícios de escritórios comerciais e prédios públicos, como o Fórum Trabalhista Ruy Barbosa, a estação de metrô da Barra Funda e o próprio IA-Unesp. Há também nesse percurso a “favela do Playcenter” (ao redor do córrego Quirino dos Santos), a Fraternidade Irmã Clara (para atendimento de pessoas com diagnóstico de Paralisia Cerebral), a Escola Estadual Canuto Do Val, a escola de samba Camisa Verde e Branco e a Fábrica do Samba.

A proposta partiu de uma provocação feita ao coletivo para promover o desenvolvimento de uma relação com o território que circundava e ligava os dois espaços: investigar suas dinâmicas de trânsito e ocupação, os fenômenos de deslocamento, a arquitetura e o planejamento urbano, entre outras categorias do espaço. O projeto tem como plano de fundo a constatação de que o bairro da Barra Funda passa por um processo de gentrificação recente, promovido pela especulação imobiliária e que tem como um de seus resultados a migração de espaços artísticos para a região, assim como restaurantes, cafés, bares e casas de show.

Apesar da diversidade de ocupação desse território, observamos que ele é pouco frequentado pelo público do IA-Unesp e do Ateliê397, que se limitava aos arredores imediatos das duas localidades. Assim, o objetivo central de Poéticas da Várzea era estreitar uma relação do público com esse território, revelando relações que podem ser desenvolvidas com outros fenômenos do entorno, e estabelecer novas e mais complexas relações da comunidade com esses dois espaços, através das práticas e experimentações artísticas. Dentre as perspectivas do projeto, estava a realização de proposições artísticas que extrapolam os dois espaços, instaurando-se em lugares não-convencionalmente associados à arte (como as galerias comerciais, que proliferam no bairro da Barra Funda), estabelecendo uma relação direta com esse território e inserindo-se em dinâmicas sociais estabelecidas, alterando-as e/ou incorporando-as.

Pedagogicamente, o projeto Poéticas da Várzea tinha como objetivo, por um lado, estimular a pesquisa e a produção artística a partir da temática proposta, e, por outro, envolver discentes dos cursos de Artes Visuais e Música do IA-Unesp em diferentes

processos de produção de uma exposição coletiva. A primeira etapa do projeto se deu através de reuniões periódicas para discussão das poéticas individuais de cada artista e da elaboração de possibilidades conceituais através do qual os processos curoriais da exposição poderiam se desenvolver. Neste momento, lançamos exercícios de curadoria para trabalhar a seleção e organização de elementos a partir de semelhanças intuídas. Para essa introdução, propusemos a criação de uma *playlist* com temática aberta, que deveria ser descrita em um texto curto e complementada com uma imagem. Esse exercício, como outras atividades ao longo do projeto, foi compartilhado e comentado em encontros entre participantes, coordenadores do Ateliê397 e docentes do IA-Unesp.

Os encontros proponham discussões sobre estratégias de mapeamento, investigações de campo e registros visuais e sonoros por meio de apresentações de trabalhos de artistas que investigam relações com territórios urbanos e exposições que apresentam tais produções. Como forma de desenvolver uma compreensão alargada das pesquisas de cada participante do projeto, o início do trabalho se deu com a elaboração de cartografias individuais¹. O ato cartográfico imprimiu sentido temporal e topológico ao que o grupo trazia como repertório e interesse de pesquisa, mas também deu as bases e caminhos possíveis para as investigações que viriam a se desenvolver.

Neste momento, ocorreram caminhadas de reconhecimento dos territórios, promovendo a frequentaçāo dos participantes de lugares onde se efetivam dinâmicas sociais no bairro: observação dos fluxos do terminal da Barra Funda, das principais avenidas, dos pontos de comércio, e levantamento de pontos característicos desses espaços, de sua demografia e de pontos de interesses poéticos. A culminância desses encontros se deu com uma exposição aberta no IA-UNESP, construída a partir dos produtos das ações de mapeamento. *Fragmentos bichos fluxos vermelhos autópsias restos fundas barras coisinhas fronteiras irregulares lares para uma poética da várzea* colocou alguns dos participantes em um primeiro contato com a produção de uma exposição, assim como apresentou publicamente o projeto para outras alunes do Instituto, que se juntaram a nós no ano seguinte.

Ainda nesse primeiro ano de projeto, houve uma mudança inesperada: o Ateliê397 precisou desocupar o galpão em que estava sediado na Barra Funda. O objetivo era permanecer no bairro, mas os altos valores de aluguel de galpões e outros imóveis possíveis para um espaço de arte que promove exposições individuais e coletivas, cursos e encontros públicos, não permitiram a estadia. O Ateliê397 foi para Higienópolis, na região central de São Paulo, um bairro muito menor e reconhecido pela concentração de renda. A contradição estava posta, pois a hiper-inflação dos valores imobiliários na Barra Funda fez com que fosse mais barato ter uma sede em um bairro de elite do que permanecer no território em que estávamos tentando criar mais integração.

¹ <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003053764.pdf>

Essa condição, ao invés de se impor como um empecilho, foi incorporada ao projeto, que seguiu ao longo de 2024. Neste ano, participantes do projeto produziram trabalhos por meio de processos de negociação com os estabelecimentos e a comunidade da Barra Funda. Divididos em grupos, foram produzidas quatro ações de intervenção urbana, registradas em vídeos e fotografias. Concomitantemente, também produziram suas proposições artísticas individuais, que entrecruzam suas poéticas e pesquisas prévias com o acumulado de experiências proporcionadas pelo projeto de extensão. Todos esses processos culminaram em uma exposição coletiva na sede do Ateliê397, cuja produção foi realizada por discentes, o que incluiu a definição de um cronograma de ativações, visitas guiadas com grupos de curadores, estudantes e com o público em geral. Este catálogo também é um produto complementar à proposta, elaborado por integrantes do grupo e que traz os registros de todas as etapas do projeto.

A exposição que elaboramos conjuntamente e apresentamos agora no Ateliê397 é resultado do acúmulo desses momentos. É também culminância e finalização do projeto Poéticas da Várzea. Sua forma não propõe uma crítica fechada, e ela também não é um discurso simplificado sobre a situação do bairro da Barra Funda, sua gentrificação recente ou suas ocupações históricas. Esta exposição é um resultado possível do encontro entre a produção em desenvolvimento de discentes de artes de uma universidade pública e uma discussão sobre as transformações na ocupação do território urbano (especificamente, de uma região significativa para formação dessas pessoas). Os trabalhos reunidos aqui se relacionam por terem sido atravessados por essa experiência, não por responderem diretamente a ela.

**bruna fernanda
caio bonifácio**



1

playlist



Gustavo Santana

Corra e olhe o céu

Expectativa e urgência, crime e consumo, vício e sonho são vias pelas quais o rap e o funk encontram identificação no enfrentamento por um "bom lugar".



Justiça
Um pouco de tudo que sou



Pauli Carvalho

Papa Léguas Tur



Miguel Palmeira

Pelos pelos

A playlist traz um tema que comecei a pesquisar e explorar recentemente, passeando pelos pelos, pela individualidade de cada corpo e cada canção.



Thiago Bueno Gomes
Anda

Augusto Calixto
*Música Apaixonada
Contemporânea Brasileira*
Conjunto de músicas brasileiras
mainstream pós-2010 que demonstram
a paixão da forma mais intensa dentro
da linguagem de cada um dos gêneros
musicais escolhidos.

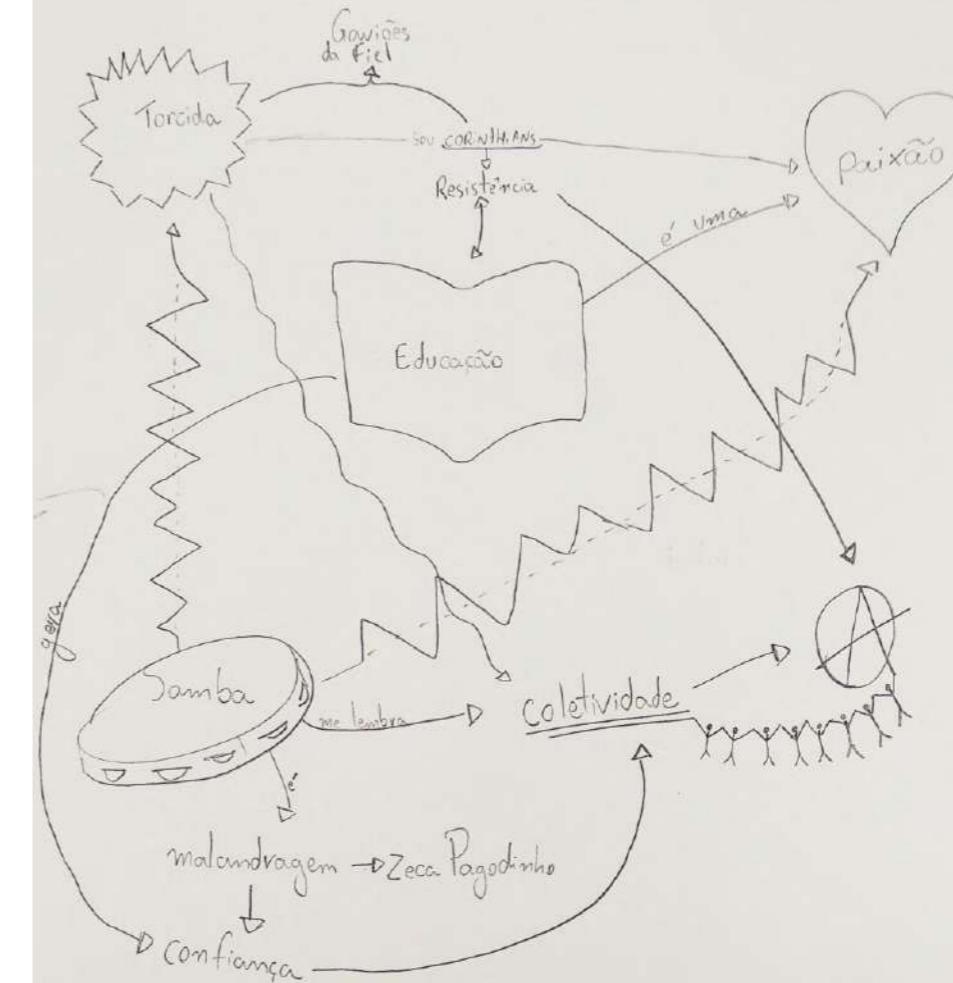


Yasmin Có
Moda e montação
Seleção de músicas que tem
como tema moda e montação
ou que flertam com moda,
montação, imagem de
moda e estilo.



Lu Martins
Pense em uma cor

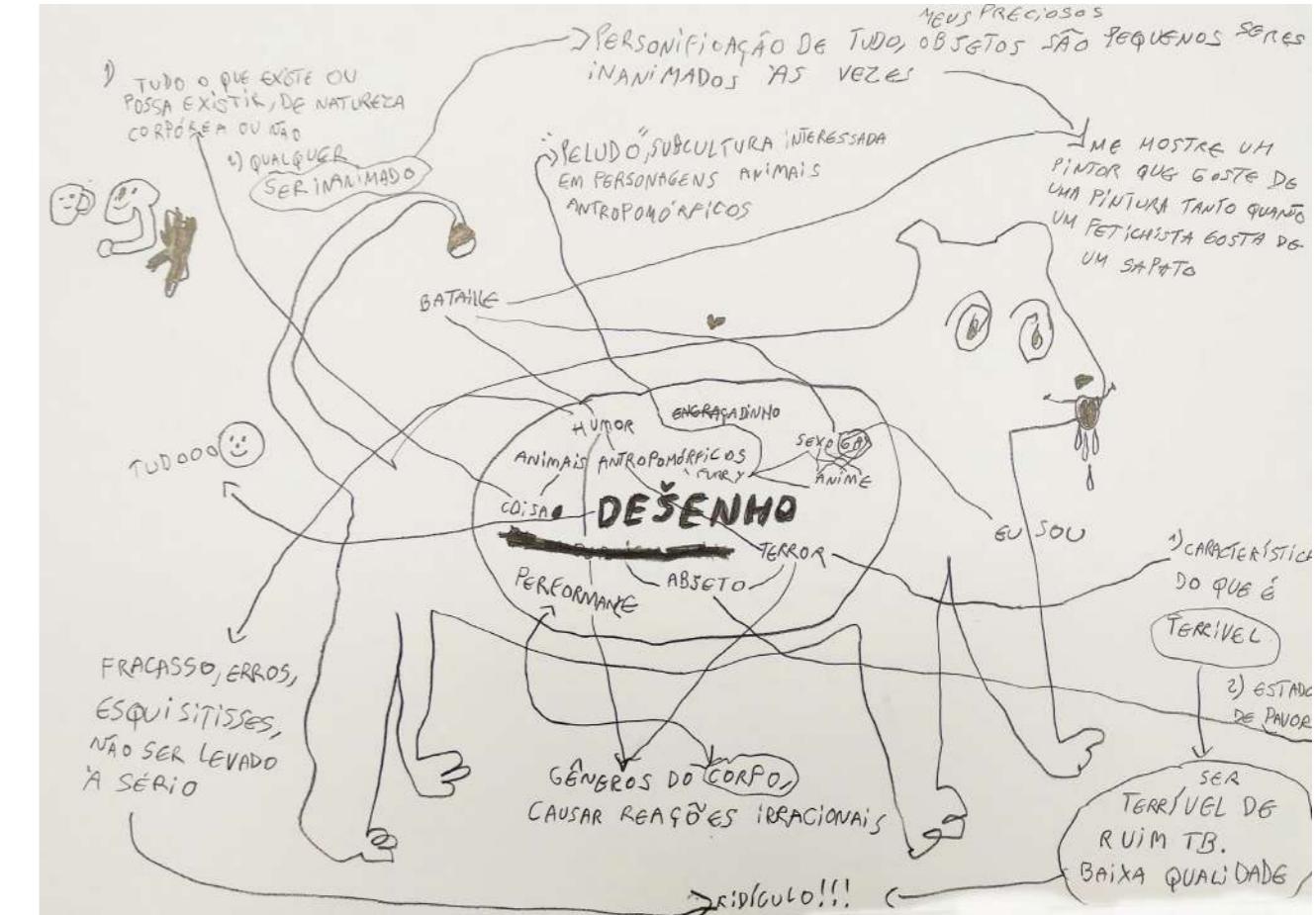
cartografias



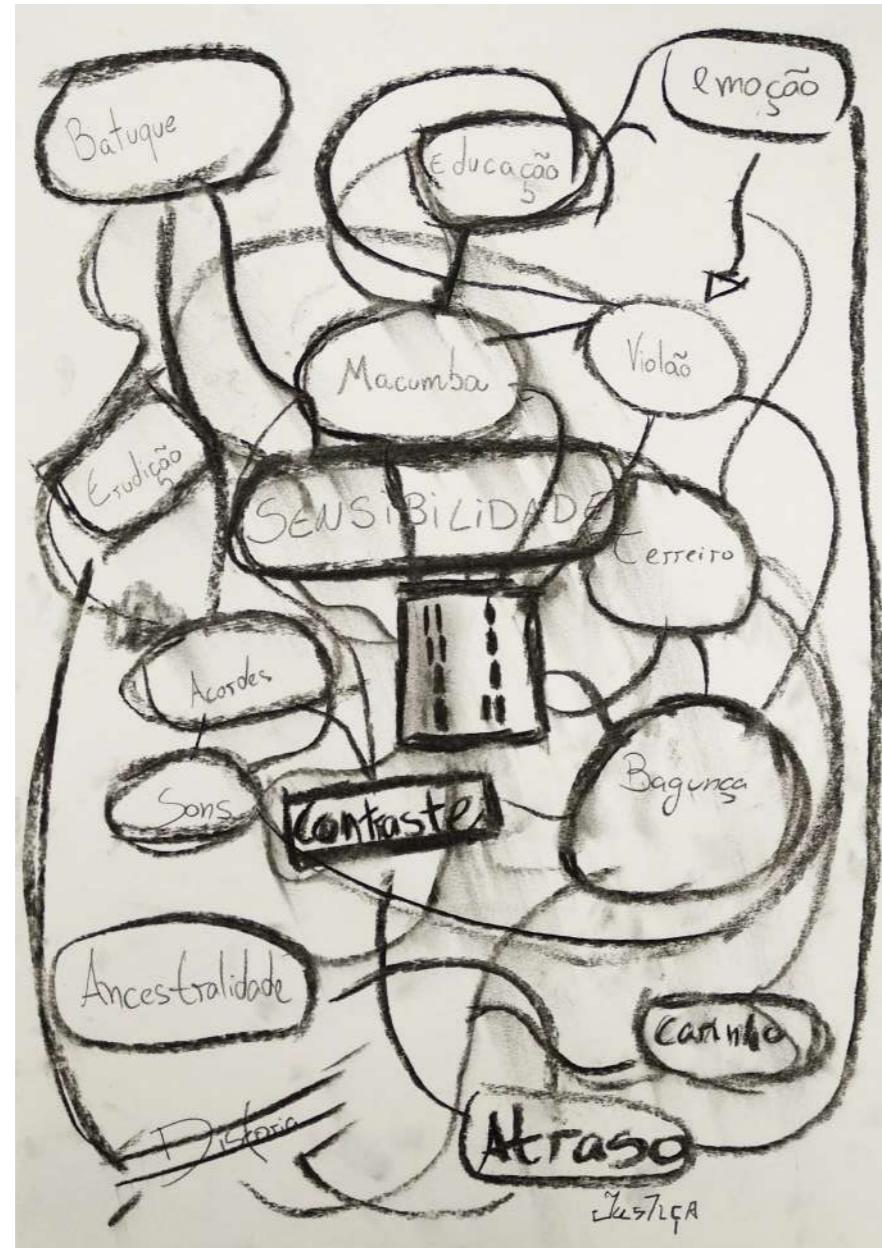
augusto calixto



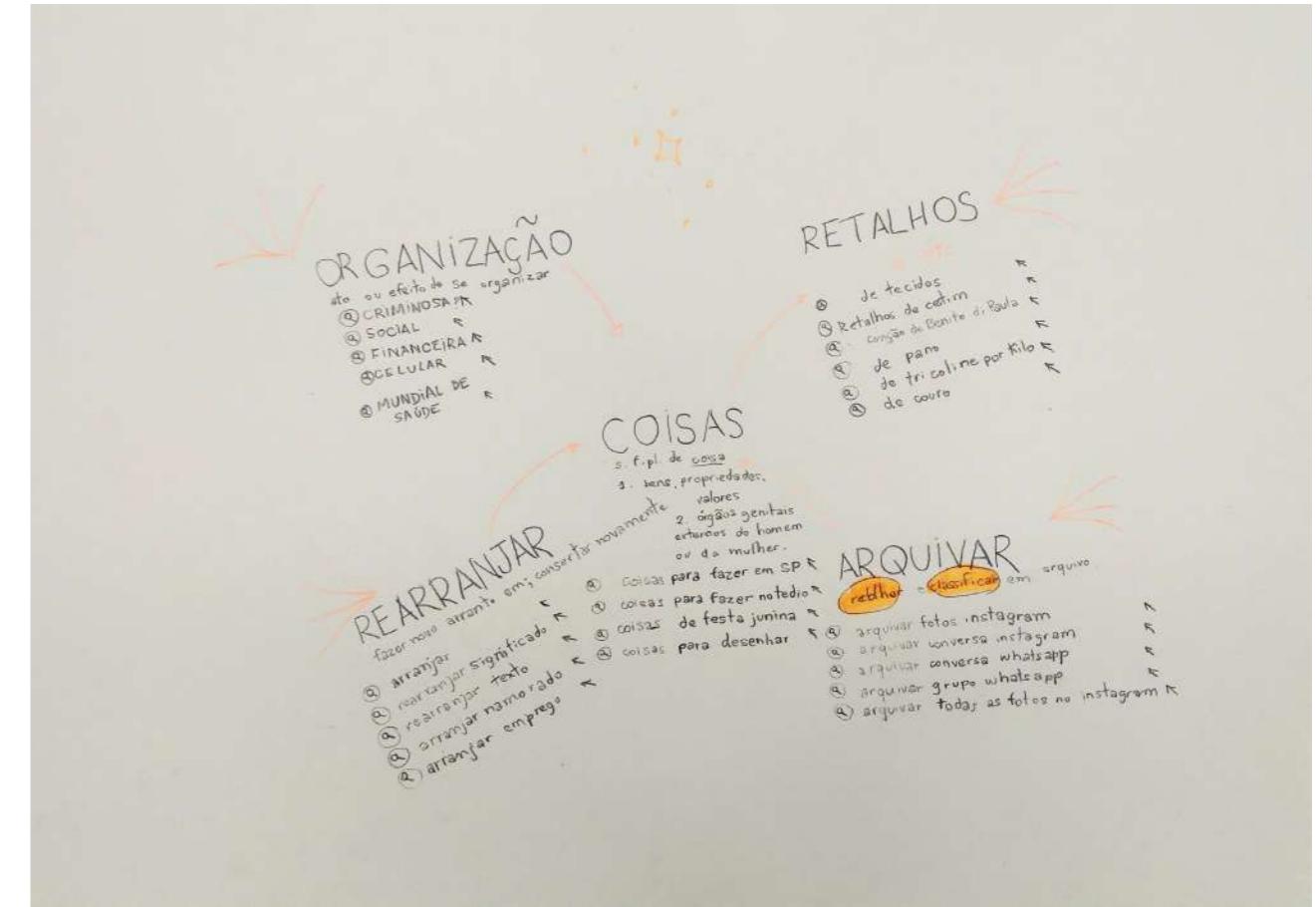
daila

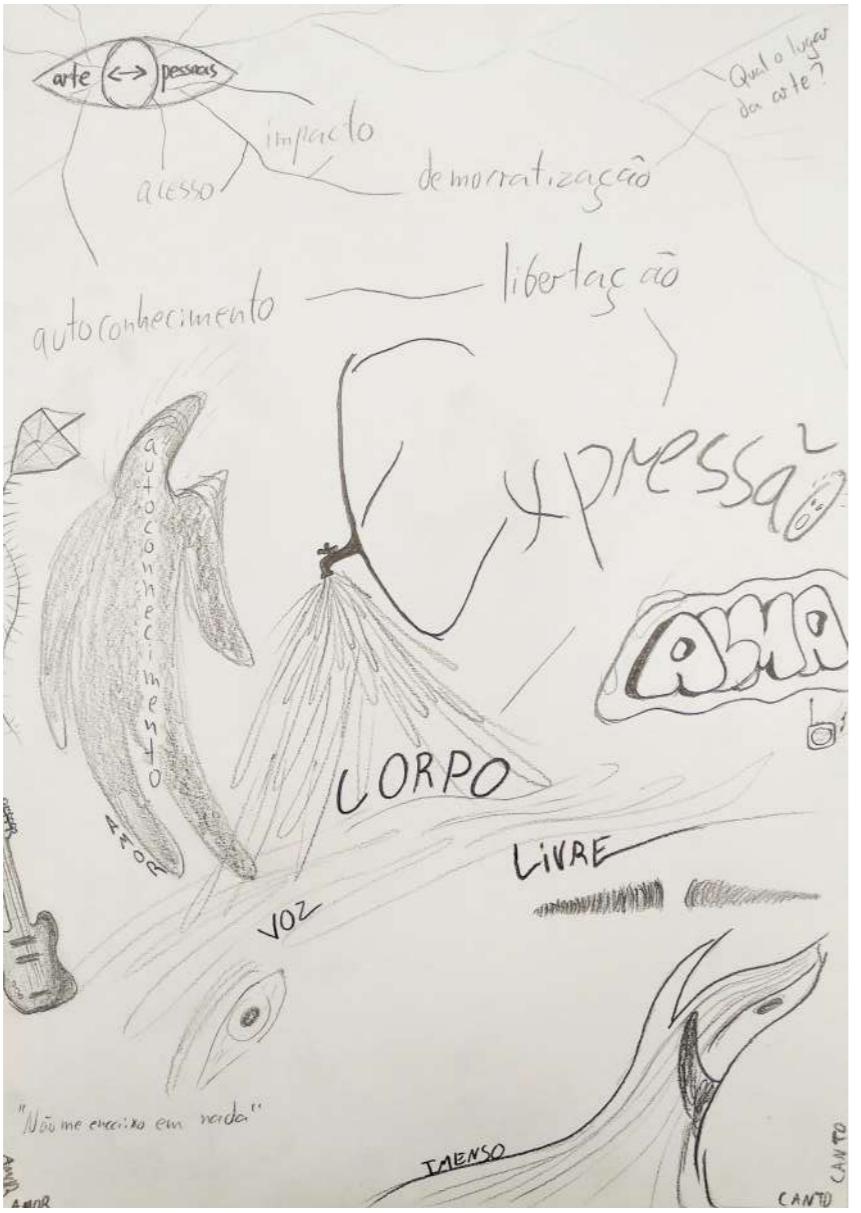


flavushh



justiça

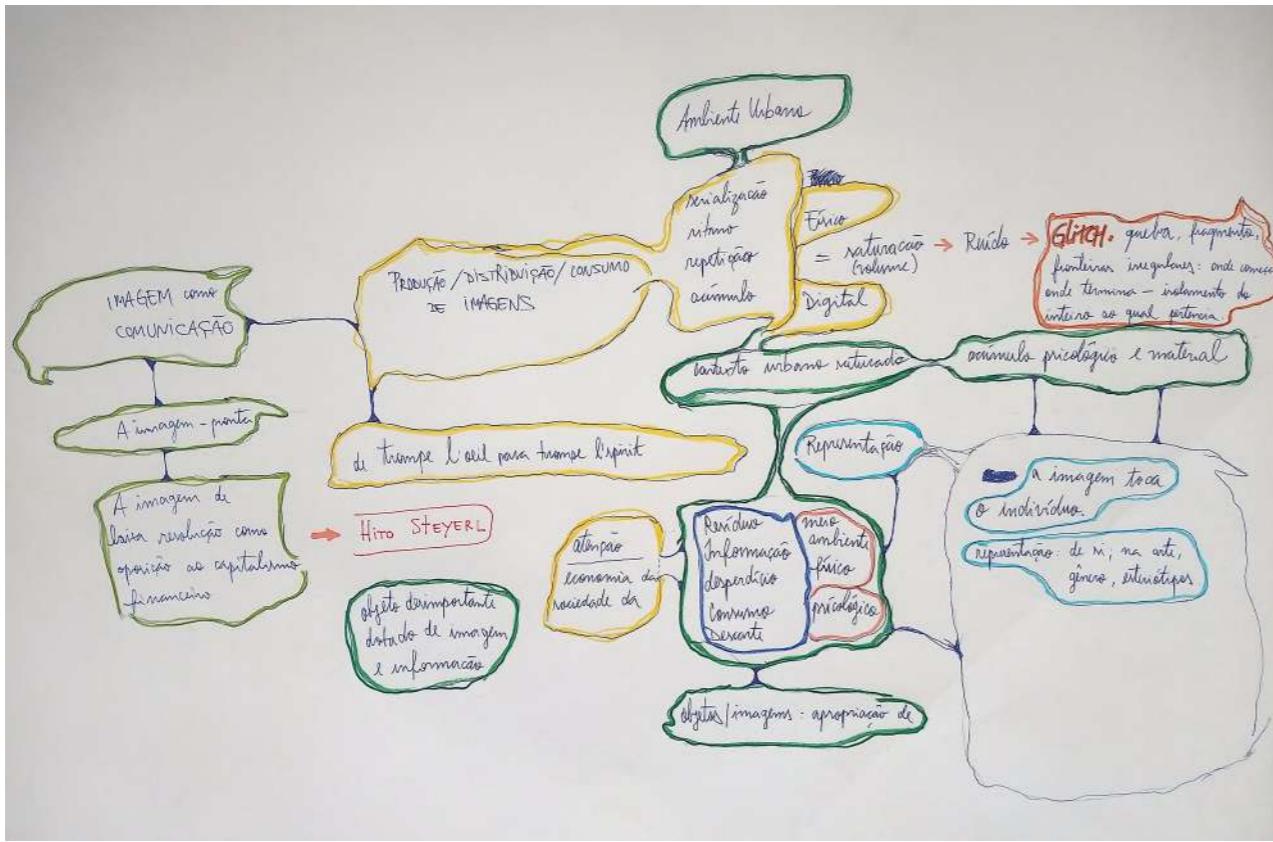




miguel palmeira



pauli carvalho



thiago bueno gomes



yasmin có

2

saída fotográfica

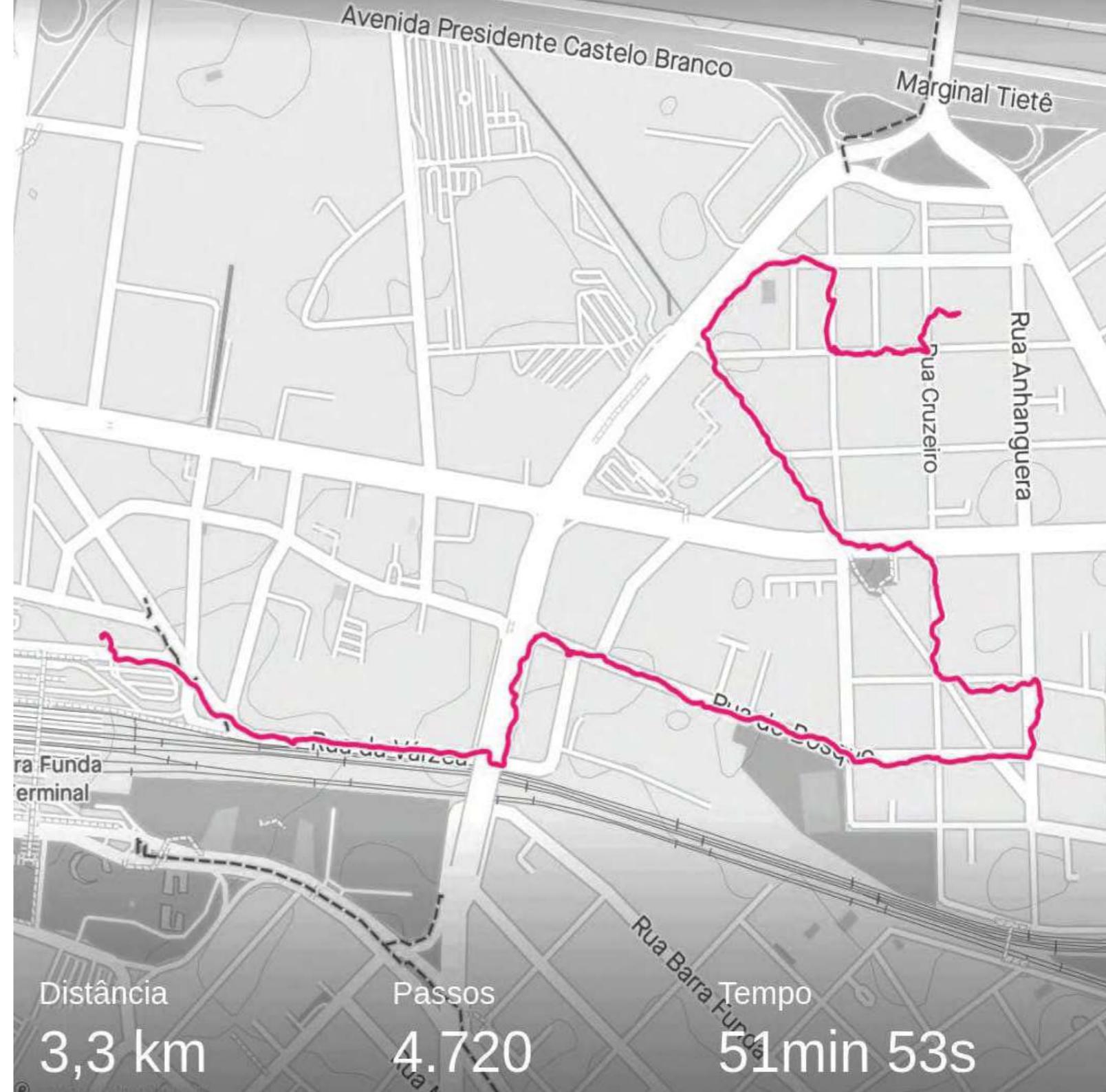


A principal experiência para quem caminhou na deriva “Saída Fotográfica” foi explorar coletivamente o bairro da Barra Funda. Nossa prática consistiu em um “deixar levar”, com apenas dois pontos de referência para partir e chegar: o Ateliê397 e o Instituto de Artes da Unesp. O meio do caminho foi nossa obra principal. Nossa deriva também foi um dos últimos capítulos antes da saída do Ateliê397 da Barra Funda.

Durante o percurso, fizemos registros em vídeo, imagem e som, aos quais este texto se faz complemento. Uma performance também integrou essa experiência. O ato de caminhar pelo bairro transformou o espaço em uma espécie de ativação pública, onde nossas percepções e interações ressignificaram o que era visto e vivido: uma fantasma caminhando na rua, plantas de terreiro, paredes descascadas, imensos pátios vazios. Ou, a cada volta, outros detalhes: muros altos e portões de fábrica, galpões e oficinas – tudo se revelava como partes de uma história em constante transformação: um bairro que já foi uma grande zona industrial e que, ao longo dos anos, foi tomado por edificações do poder público. Hoje, vivendo mais uma

mudança de sua espacialidade, que vai se recheando de pequenos apartamentos-investimentos.

Entre esses contrastes, a convivência cotidiana das pessoas e de sua arborização esquisita se destacava, ambas sobrevivendo ao ritmo acelerado e ao ar denso da histórica várzea da Barra Funda. Nesta deriva: as camadas da cidade e das memórias de seus habitantes emergiram. Novas leituras para um espaço que, a todo momento, se refaz, apareceram mais adiante no projeto “Poéticas da Várzea”, com a exposição dos processos desenvolvidos até ali.











*fragmentos bichos fluxos
vermelhos autópsias restos
fundas barras coisinhas
fronteiras irregulares
lares para uma poética
da várzea*



A exposição *Fragmentos bichos fluxos vermelhos autópsias restos fundas barras coisinhas fronteiras irregulares lares para uma poética da várzea* realizada entre os dias 02/12 e 09/12, no Instituto de Artes da Unesp, marcou e celebrou a primeira metade do projeto “Poéticas da Várzea”. O evento teve como objetivo apresentar os processos desenvolvidos pelo coletivo até aquele momento.

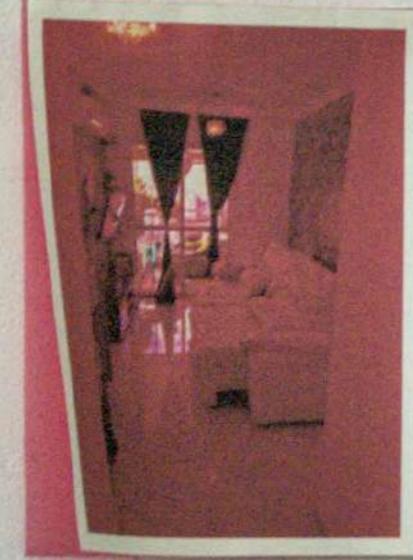
As produções artísticas foram, em sua maioria, ancoradas em registros fotográficos da Barra Funda, assim como na caminhada entre o ateliê 397 e o IA-Unesp. Assim, as obras mantinham uma mesma textura e expunham os objetos e contextos que mais atraíam cada artista, sob os direcionamentos poético e material dos exercícios, conversas e referências apresentadas durante os encontros do projeto. As obras investigaram o que se tornara pictórico na lógica da paisagem, abordando dinâmicas de trânsito, ocupação, deslocamento, arquitetura, ficção e planejamento urbano na Barra Funda.

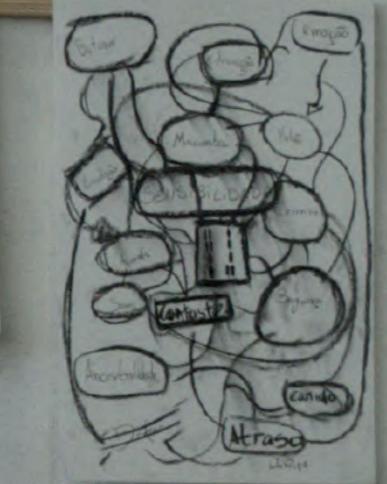
A principal intervenção curatorial dos artistas e coordenadores do projeto foi transformar a exposição numa montagem conduzida pela experiência de estar e conviver com o

território da várzea em deslocamento. Os trabalhos destacaram elementos característicos das dinâmicas do mercado imobiliário, que impulsionam a gentrificação no bairro, além da organização estética própria dessas condições locais. E também houveram intervenções diretas dos artistas nessas lógicas de produção.

Desta maneira, a exposição realizada na Unesp formaliza o primeiro encontro expositivo do coletivo “Poéticas da Várzea”.







cartografias



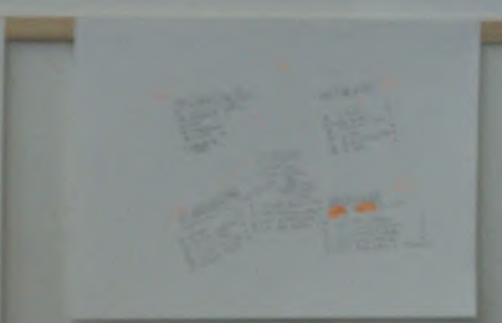




SUPER
SUBSTRATO (SUL-1)
COMPOSTO

[ASSISTAV AD SP ADIT'309] A OP.

FRAGMENTOS BICHOS FUXOS VERMELHOS
AUTOPSIA RESTOS FUNDAS BARRAS COISINHAS
FRONTEIRAS IRREGULARES LARES PARA UMA
CPRP. (N)



3

intervenções



A Viela da Barra Funda, ou Rua Deputado Salvador Julianelli, carrega consigo uma história pouco conhecida. Embora seu nome atual tenha sido atribuído por formalidades burocráticas, essa viela desempenha um papel vital no cotidiano dos moradores do bairro, conectando áreas que, de outra forma, seriam de difícil acesso para pedestres. Em meio ao domínio das vias dedicadas ao fluxo de veículos, essa passagem se destaca como uma rota essencial para aqueles que transitam a pé, criando um contraste nítido com a realidade urbana que prioriza os automóveis.

Entretanto, a Viela da Barra Funda é um espaço negligenciado pelas autoridades. Mesmo sendo uma via de grande movimento, ela sofre com a falta de iluminação, trânsito desordenado e insegurança constante, colocando em risco os pedestres que a utilizam diariamente. Diante dessa situação de abandono, surge a *Zona Autônoma de Passagem* – uma intervenção temporária, mas que visa resgatar a importância dessa passagem tanto histórica quanto social.

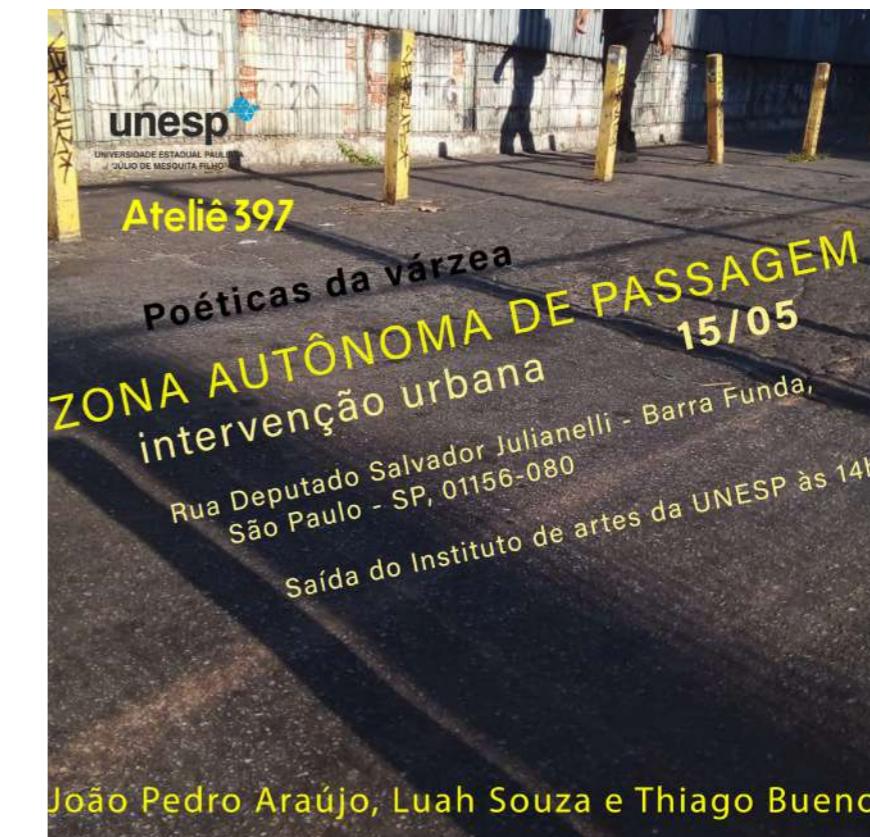
A ação artística cria um novo espaço simbólico e temporário, uma espécie de micro-nação dentro da

cidade de São Paulo. A *Zona Autônoma de Passagem* atua como um momento de ruptura, um gesto de autodeterminação urbana, no qual o espaço é reivindicado pelos próprios usuários. Trata-se de um país temporário, uma metáfora para a autonomia dos espaços urbanos que, mesmo relegados ao esquecimento pelo poder público, continuam a pulsar através das necessidades e das histórias daqueles que por ali circulam.

Um elemento visual marcante da intervenção foi a presença de sinais rosa neon espalhados pelo chão da viela. Esses sinais deflagram visualmente a mudança temporária da atmosfera do local. Além disso, a intervenção contou com a participação da bateria Baixaria, do Instituto de Artes da UNESP, que colaborou de forma significativa para alterar esse ambiente. Ao tocar ao longo de toda a viela, a bateria não apenas acompanhou o fluxo dos pedestres, mas também gerou uma transformação sonora no ambiente, rompendo o silêncio e a monotonia usual daquele espaço. O som vibrante da percussão reverberou nas paredes da viela, criando um ambiente imersivo e sensorial, que amplificou o impacto da intervenção ao transformar a experiência dos que ali passavam.

No contexto da arte urbana, essa intervenção se insere dentro de uma longa tradição de ações que buscam reapropriar o espaço público. A *Zona Autônoma de Passagem* usa desse espaço como meio de diálogo entre a comunidade e a cidade. Ao ocupar

a viela e transformá-la temporariamente em algo além de uma simples via de passagem, a intervenção cria um ponto de encontro, um lugar de troca simbólica que questiona o que significa viver e circular pela cidade de maneira segura e digna.









O Silêncio na Casa do Ruído foi uma intervenção espaço-sonora que buscava uma pesquisa de campo com os “atravessadores” da estação Barra-Funda, para saber sobre seus sentimentos, opiniões e inquietudes a respeito de como sentir um espaço em que o dia inteiro habita uma intensa e agressiva atividade sonora. Todos esses sons foram reduzidos, durante a intervenção, a um ruído longínquo, graças a um abafador de ruído auricular.

Essa experiência entra num lapso de reflexão: como o sistema em que vivemos nos mantém reféns de suas (arma)ções sonoras em prol de uma retroalimentação do próprio sistema, implodindo a paisagem sonora deste local, fazendo cada vez mais com que indivíduos se isolem em fones de ouvido, atrás de qualquer alívio em contraste com o ruído perene deste lugar.



O SILENCIO NA CASA DO RUÍDO

JU ARRUDA
AUGUSTO CALIXTO
DAÍLA ALMEIDA
VEGANO

15/05 - 13 ÁS 15

TERMINAL RODOVIÁRIO BARRA FUNDA

unesp Ateliê 397

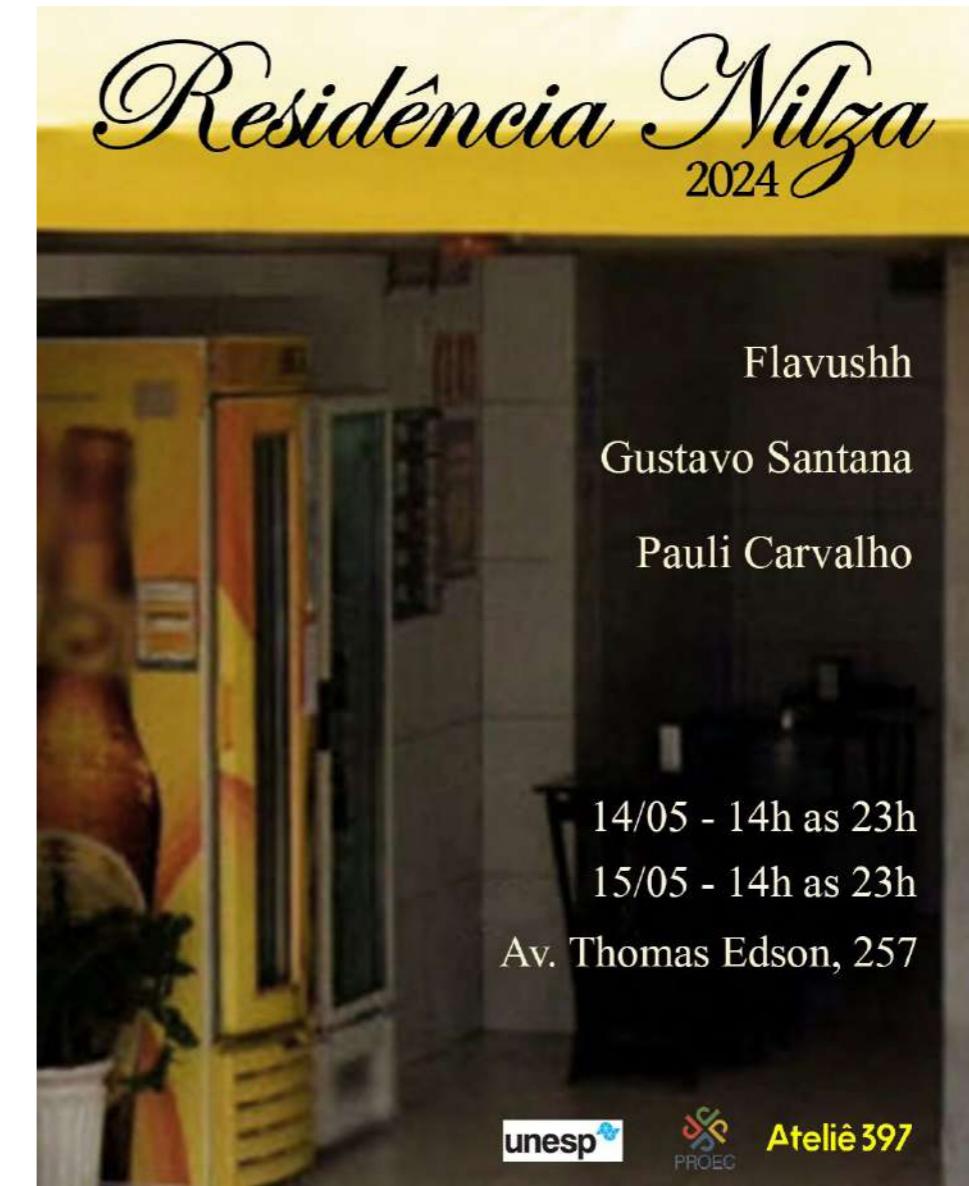




A proposta da intervenção *Residência Nilza* foi realizar uma residência artística na garagem do bar da Dona Nilza, um espaço icônico e fundamental de lazer e articulação para os estudantes do Instituto de Artes da Unesp, que há muitos anos frequentam o local. O objetivo era explicitar a ocupação artística da Barra Funda, com a presença de artistas e galerias, e a consequente gentrificação do bairro, tradicionalmente operário. Esse processo de gentrificação expulsa pequenos comércios e espaços precarizados, como o Ateliê 397, que precisou ser realocado devido à especulação imobiliária na região. A intervenção buscou deslocar a arte do ambiente asséptico das grandes galerias, promovendo seu acesso à população mais ampla, incluindo trabalhadores, estudantes e transeuntes que frequentam a rua onde o bar se localiza.

A proposta ocorreu durante os dias 14 e 15 de maio, das 14:00 às 23:00 horas, durante o expediente. Flávia, Gustavo e Pauli transformaram a garagem, carinhosamente apelidada de “VIP da Nilza”, em um espaço de confluência entre suas produções artísticas. A ideia era dissolver o ateliê no ambiente do bar, mantendo

o movimento habitual e integrando o processo de criação ao cotidiano dos clientes. Dona Nilza, ao ser apresentada à proposta, prontamente aceitou, e os dias foram escolhidos para evitar o alto fluxo de quinta e sexta-feira, levando em consideração que o bar não abre aos fins de semana. Assim, a intervenção promoveu a convivência entre o processo artístico, que geralmente é recluso ao espaço do ateliê, e o movimento cotidiano do bar, de forma a integrá-los, para que um influenciasse o outro. Nesse sentido, o bar transformou-se em ateliê e o ateliê em bar, revelando um compromisso dos artistas tanto com o espaço de criação, quanto com o ambiente de socialização.









O bairro da Barra Funda tem sido alvo do que podemos chamar de financeirização do espaço urbano. Essa transformação do território resulta em uma série de prédios que crescem de forma exponencial, em grandeza proporcional ao apagamento histórico da arquitetura local. O bairro, que antes foi operário e marcou o desenvolvimento de uma São Paulo industrial no início do século XX, hoje, como tantos outros da cidade, cede suas estruturas ao mercado financeiro, perdendo gradualmente sua identidade e memória coletiva. Outro crescimento proporcional é a quantidade incessante de cartazes, outdoors e lambes que anunciam esses novos empreendimentos. A mudança não se limita ao espaço físico; ela também atinge a percepção estética das ruas, agora dominadas por promessas de planos de financiamento e por imagens de uma cidade “limpa”, como as ilustradas nos panfletos entregues nas calçadas. O projeto “Controle de Pragas” surge, então, como uma contrapropaganda crítica. Utilizando as mesmas superfícies já saturadas por propagandas imobiliárias, nos organizamos para colar sobre elas plantas labirínticas e impossíveis de se habitar, reproduzidas a partir das plantas dos apartamentos à venda. Esses mapas confusos e

inóspitos representam a ironia de uma cidade em que o crescimento e o progresso aparentes se traduzem em espaços cada vez mais inacessíveis e desumanizados. Para reforçar a ideia de contaminação, pequenos ratos vermelhos foram colados sobre essas plantas e outras propagandas, criando uma intervenção visual que aponta para a verdadeira praga: a especulação imobiliária que infesta o bairro. Esse alastramento de moradias que são, na verdade, ativos financeiros, é visto por Raquel Rolnik como uma espécie de contaminação do terreno. No vídeo que documenta o processo do projeto, utilizamos uma fala sua para criar um diálogo entre o urbano, a arte e as ruas, questionando a quem realmente pertence a cidade.

A intervenção busca não apenas perturbar a monotonia visual imposta pelas campanhas publicitárias, mas também provocar uma reflexão crítica entre os transeuntes. Queremos subverter a narrativa da “cidade limpa” e expor a fragilidade dessa ilusão, devolvendo às ruas um caráter mais genuíno e plural. Esperamos que o público se depare com essas imagens e se questione sobre o que está sendo apagado, o que está sendo construído e quem são, de fato, os beneficiários dessa transformação urbana.











96



Poéticas da Várzea: Investigações Artísticas no
Bairro da Barra Funda (intervenções urbanas)

97

4

poéticas além da várzea

A Barra Funda sofre um processo de gentrificação promovido pela especulação imobiliária. “Poéticas da Várzea” parte da investigação de categorias do espaço urbano e enuncia a pesquisa do coletivo sobre o território que circunda e conecta os espaços do Instituto de Artes da Unesp e do Ateliê397. Peças da construção civil, ruínas, paisagens sonoras e cartografias elaboram o espectro das dinâmicas de trânsito, ocupação e deslocamento sobre as linhas que constroem padrões geométricos na malha da superfície ou nos cacos conectados de forma única e imprevisível. Os procedimentos dos artistas que fazem parte do projeto são alimentados pela iconografia da cidade, apropriada, manipulada ou transfigurada pela experiência sensível que desvela camadas de significação frequentemente ocultas nas estruturas da metrópole.

O projeto de extensão “Poéticas da Várzea: Investigações Artísticas no Bairro da Barra Funda” (IA-Unesp e Ateliê397) culminou na mostra e no posterior lançamento de um catálogo com a produção poética, conceitual e material do coletivo entre junho de 2023 e dezembro de 2024. A realização de ambos era prevista para a antiga sede do Ateliê397 na Barra Funda,

região onde se encontra o Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, fato pouco conhecido talvez pela ausência de uma sinalização que evidencie a presença da universidade no bairro. A migração do Ateliê foi, por sua vez, consequência da especulação imobiliária que é um dos fenômenos esquadrinhados na colaboração entre os alunos e professores do IA-Unesp, os colaboradores do Ateliê³⁹⁷ e, pontualmente, comércios, espaços públicos e comunidades da região que receberam as ações recentes do grupo, como exercícios de estreitamento das relações do público de ambos os espaços além de seus arredores imediatos, alterando e/ou incorporando suas dinâmicas sociais estabelecidas.

Mesmo após a migração do Ateliê³⁹⁷ para Higienópolis, o espírito investigativo de “Poéticas da Várzea” permanece intrinsecamente ligado à Barra Funda, um território marcado por contrastes entre passado operário e presente em transformação. As obras expostas, carregadas de materialidades e memórias urbanas, refletem as intervenções, diálogos e deslocamentos realizados pelo coletivo ao longo de mais de um ano. Cada trabalho presente na exposição ressignifica as intera-

ções e experiências vividas no bairro, seja através de composições feitas a partir de materiais coletados nas ruas e nas construções, seja pela documentação de encontros e percursos pela cidade.

A abertura de processo ao público aconteceu no último dezembro, com uma mostra no IA-Unesp, onde a pesquisa, até aquele momento, foi exibida com cartografias, fotos e registros das atividades realizadas. Durante as intervenções praticadas pelo coletivo em maio de 2024, foi produzida uma “Zona Autônoma de Passagem” na rua Deputado Salvador Julianelli, uma anti-propaganda imobiliária na Rua da Várzea e um ateliê temporário no bar da Dona Nilza (Av. Thomas Edison), quase anexo ao Instituto de Artes e ponto de encontro de seus estudantes, professores e trabalhadores da região a caminho do Terminal Rodoviário, que, por sua vez, foi palco de uma ação sonora que pensava a desautomatização em meio ao caos e convergência de estímulos. Os registros das intervenções, em formato de vídeo, foram disponibilizados como parte da exposição no novo Ateliê³⁹⁷, na Travessa Dona Paula, Higienópolis.

Apesar da mudança forçada, o último ato do coletivo faz presente a

história e a cultura da Barra Funda, antiga casa de operários que atendiam à elite dos vizinhos Campos Elíseos e Higienópolis no início do século XX, permutados por galerias, ateliês, bares e cafés. O impacto da especulação imobiliária, que pressiona e reconfigura o uso do espaço urbano, é um dos temas centrais abordados pela mostra. A crítica ao processo de gentrificação é tecida nas obras de forma sutil, mas contundente, mostrando como o mercado imobiliário molda e transforma a vida cotidiana, as relações humanas e as identidades territoriais. No entanto, longe de ser um lamento nostálgico, os trabalhos revelam as múltiplas possibilidades de resiliência e resistência dos habitantes, propondo novas formas de ocupar e interagir com o espaço público. A exposição funciona como uma cartografia afetiva da Barra Funda, onde as ruínas do passado dialogam com os desafios do presente, numa trama de relações entre corpos, objetos e sons. O território, enquanto campo de disputa simbólica e material, surge na mostra como uma construção em constante negociação. A partir da experiência coletiva, os artistas criam novas significações para os espaços de trânsito e convivência, rompendo com a lógica

de privatização e apropriação imposta pela especulação imobiliária.

Por fim, o catálogo que será lançado após o encerramento da exposição traz não apenas um registro dos trabalhos, mas também uma coletânea de textos críticos e relatos poéticos que buscam dar conta das complexas interações e processos que sustentaram a pesquisa. A publicação funciona como uma extensão da exposição, criando um espaço para que os conceitos e questões levantados pelos artistas continuem reverberando, alimentando debates sobre arte, cidade e espaço público.

luah souza
pauli carvalho



“O acontecimento põe em jogo um para que rompe o sujeito e arranca-o de sua sujeição. Os acontecimentos apresentam rupturas e descontinuidades que abrem novos espaços de liberdade”¹

Sob esse sentido de “acontecimento”, ensaiamos sobre o papel da arte em relação à cidade, na forma como nos relacionamos com sua produção no contexto do projeto de extensão “Poéticas da Várzea”. Durante as intervenções propostas no decorrer de nossas ações, que articularam diretamente o fazer artístico dos participantes do projeto ao bairro que almejamos tensionar, (re)formulamos perguntas através de acontecimentos atípicos diante da lógica de sujeição cotidiana a que estamos submetidos – nesse sentido, a reação ao acontecimento inaugura o gesto reflexivo de questionamento e contemplação – em vez de oferecer respostas ou soluções práticas e definitivas. Então, lidamos com a arte contemporânea mais como uma mediadora de transformações do que como uma solução direta para problemas específicos.

A partir disso, lidamos com o território da Barra Funda ao revés do dataísmo, sistema estatístico e informacional que mensura a cidade e o sujeito através de uma relação de números e dados pretensamente absoluto e “quantitativamente verdadeiro”, que reveste de insignificância a experiê-

cia nos centros urbanos. Dessa noção inerente à sociedade de controle apresenta-se uma profusão de estatísticas, informações, propagandas, CO2, concreto, remanejamento populacional, especulação imobiliária, tudo enredado na manifestação do interesse privado. Então, ao longo das intervenções performáticas, os artistas-estudantes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “[REDACTED]”, localizado na Barra Funda, expressaram temas subversivos à locomotiva dataísta. Isto tudo se tornou uma convergência entre espaço, tempo e som, que nos desloca da multidão estatisticamente uniforme e paradoxalmente reconhecível do horário de pico até as dezenas de rostos familiares no bar da Dona Nilza.

1. Byung-Chul Han, *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* [2014], trad. Maurício Liesen (Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2023) p. 111

Dessa forma, os acontecimentos realizados na Barra Funda ao longo dos dias 14/05 e 15/05, em seu caráter coletivo, buscaram restabelecer o cotidiano enquanto transição entre espaços disciplinares e institucionalizados, que vai além do “modo habitual de olhar”, desde o tempo social compartilhado durante a ‘Residência Nilza’, a reinterpretação dos espaços de circulação na ‘Zona Autonoma de Passagem’, a codificação das propagandas imobiliárias em uma cidade gentrificada em ‘Controle de Pragas’ e a abrupta mudança perceptiva proposta pela pergunta “você já experienciou o silêncio?” no Metrô Barra Funda.

Em dias muito quentes, as baratas não são bem vindas próximas às mesas. Dona Nilza em um de seus rituais sempre prepara sobre um prato de papel uma porção de açúcar e bicarbonato de sódio - nessa química o bicarbonato de sódio (NaHCO_3) reage com o ~~óxido de lítio~~ (HCl) presente no suco gástrico do estômago da barata. Essa reação produz dióxido de carbono (CO_2), água (H_2O) e cloreto de sódio (NaCl). Com o prato deixado na entrada do bueiro mais próximo, não demora muito e todas as baratas que estariam circulando pela rua e calçadas buscam sua parte e desaparecem aos poucos. Ao final do dia, Nilza encerra o expediente, como nos últimos 43 anos, e vai para casa. Do litro de Lokal gelada, vendido à R\$ 9,00, à novidade mais recente, o Xeque Mate à R\$14,00, com a opção de gelo e limão no copo, o bar também acompanha as modificações do bairro e de seus habitantes. Um bairro que registrou maior crescimento populacional entre 2010 e 2022 - nesse período, ~~1~~¹ do distrito saltou de ~~1~~¹ para ~~1~~¹ - qualificando-se como um espaço que constitui e é constituído

pelo caráter cumulativo do tempo. Entre 2018 e 2023, seu valor médio do metro quadrado na região aumentou em cerca de █%, passando de R\$ █ para aproximadamente R\$10.440,00. Com a revitalização urbana e a valorização imobiliária, o perfil socioeconômico do bairro atrai uma nova classe de proprietários com maior poder aquisitivo, sufocando antigos moradores e pequenos comércios. Em questão de meses, paredões de prédios empresariais e residenciais padronizados são erguidos e o sol se põe mais cedo.

O trajeto entre [REDACTED] e [REDACTED] sofre uma iminente ameaça de dedetização e higienização, em uma ação de modernização do espaço para torná-lo mais transitável, habitável e agradável. Aqui você está cercado por um bairro completo: a Zona Oeste, uma das melhores regiões de São Paulo, amada pelos moradores, famosa pela ótima localização e pelo fácil acesso aos diferentes serviços e infraestrutura. Segundo essa caminhada, chegamos ao polo intermodal Barra Funda, inaugurado em 1988! Uma possível modernização deste espaço está sendo deliberada. Ela garante aos moradores que circulem entre as regiões norte e sul do distrito através da Estação de metrô, cptm e rodoviária da Palmeiras-Barra Funda. Com as modificações previstas para este projeto (PIU - [REDACTED]), iniciado a partir [REDACTED] a expectativa é de que o Polo Intermodal Palmeiras-Barra Funda registre um fluxo de 180 mil passageiros diários (120 mil pessoas a mais que atualmente), a proposta é alinhada à estratégia urbanística do Desenvolvimento Orientado ao Transporte (DOT), visando melhor aproveitamento do espaço em

consonância com o adensamento construtivo de seu entorno.

Nessa perspectiva, a experiência cotidiana estabelecida na [REDACTED] impossibilita a narrativização em um mundo de [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], etc. O estado de uniformidade a que este tempo está submetido, significante da “perpetuação do mesmo exercício banal de consumo ininterrupto, isolamento social e impotência política”², estrangula a memória junto a sua qualidade de mediar a coexistência de várias temporalidades. Ainda assim, sobrevivem processos narrativos, que desejam desacelerar a profusão informacional a que estamos submetidos, a fim de dar início, meio e fim num mundo aparentemente incapaz de conclusão. Nesse sentido, o exercício de rituais, que num resgate da vida cotidiana conflui como um exercício banal, coloca a memória como objeto de ação; segundo Richard Schechner: “Ambos, ritual e jogo, levam as pessoas a uma segunda realidade, separada da vida

2. Jonathan Crary, *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* [2013], trad. Joaquim Toledo Jr. (São Paulo: Ubu Editora, 2016) p. 49

cotidiana”³, esse deslocamento transforma o sujeito, mesmo que temporariamente e, nessa ocasião, o ritual, enquanto acontecimento, pode subverter os papéis de poder, vigília etc. O desvio diário de transeuntes, moradores, estudantes e trabalhadores da região da Barra Funda a pequenos bares locais se instala como uma prática ritualística. Para os artistas do projeto, andar cerca de 355 passos até o Bar [REDACTED] (Dona Nilza), passando por cerca de 15 outros pequenos comércios e 2 instituições de ensino, é parte do cotidiano. Dona Nilza: uma senhora legal e educada de [REDACTED] anos★★★5 estrelas. Comida boa e cerveja gelada com ótimos preços. Algumas das minhas lembranças mais contentes foram construídas neste ambiente <3. Um ótimo lugar para transpassar a correlação de números, na qual justifica-se a emergência e consequentemente as alterações do bairro, onde tentamos recuperar nossa relação de contingência e reciprocidade com o dia a dia.

3. Richard Schechner, org. Zeca Ligiéro, *Performance e antropologia de Richard Schechner* (Rio de Janeiro: Mauad X, 2012) p. 50



Lu Martins
Topografia, 2024

Vermelho, terra roxa de Ituverava,
desenho topográfico da Barra Funda,
cabos de aço e objetos diversos.

112



Pauli Carvalho
Papa Léguas Tur, 2024
Serigrafia em tecido.

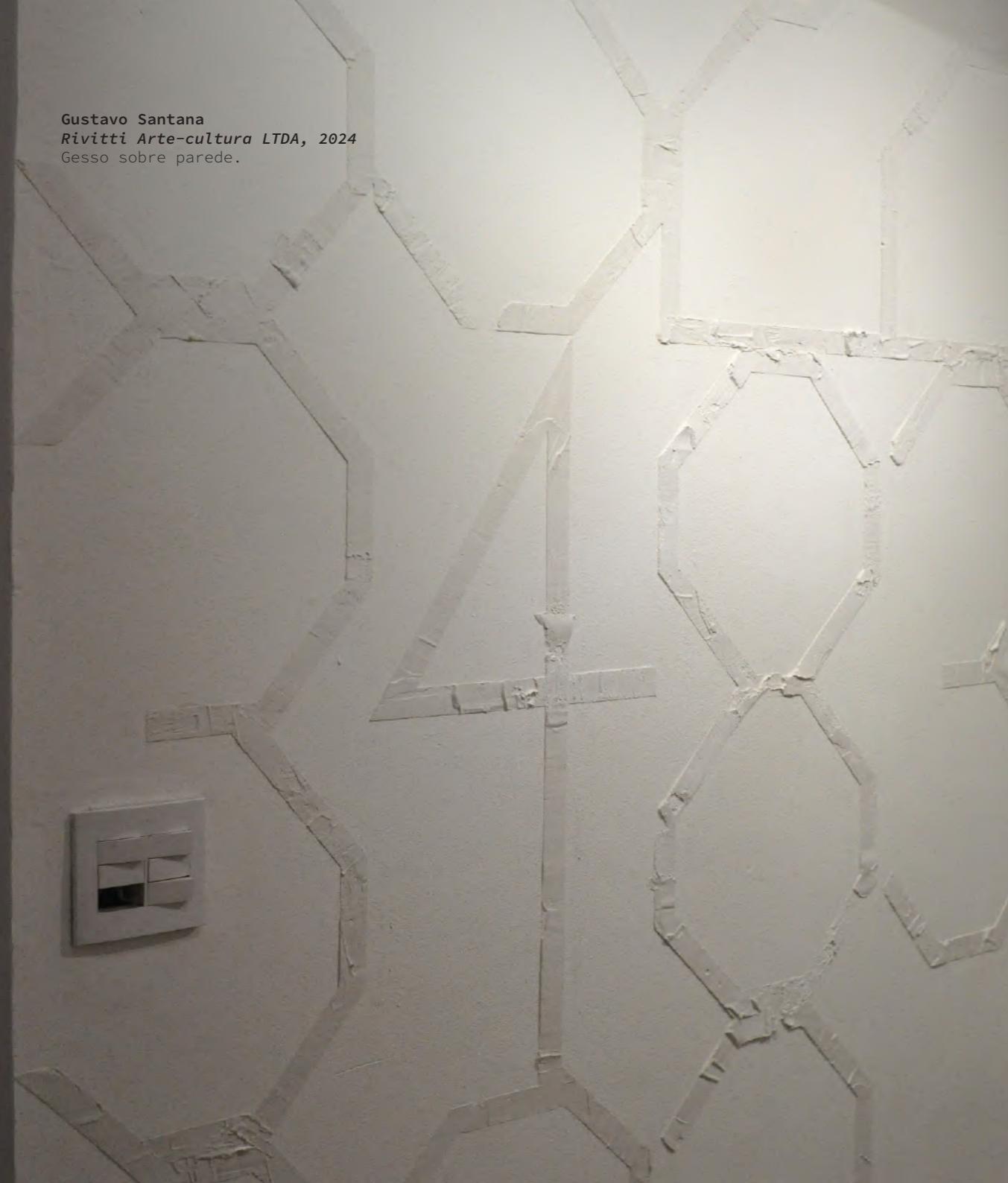


Flavushh
Mister Barra Funda, 2024
Acrílica sobre roupa de mascote.



Jopê
Virado à Paulistana, 2024
Madeira, látex, fronha,
anzol, nylon, fibra de juta,
ferro, café e luz de LED.

Gustavo Santana
Rivitti Arte-cultura LTDA, 2024
Gesso sobre parede.



Ju Arruda
Taramela, 2024
Alto-falantes e cabos
de alimentação.



A arte contemporânea, quando produzida por nós do projeto “Poéticas da Várzea”, teve como ponto de partida a discussão simbólica da produção do espaço nos territórios que compreendem principalmente a barra funda.

Este texto tentará costurar uma experiência dupla a partir das perguntas que propus ao coletivo: “como a arte contemporânea, produzida por um coletivo de alunos, em um projeto de extensão, pode tensionar as relações entre a arte contemporânea e a cidade?”, das vivências em reuniões e dos trabalhos realizados ou a se realizar.

Começaria pelo próprio recorte circunscrito no projeto: a Barra Funda. Começamos por uma de suas discussões mais básicas e curiosas, a que está em entender como se configuram o bairro e quais os limites deste distrito.

O que não deixa de passar pelas mentes que atuam na iniciativa é saber do que se trata um território, como ele se constrói, como percebemos esse histórico inerente e como percebemos seu futuro anunciado.

Há limite fixo para um lugar? Me pergunto se as fictícias fronteiras criadas pelo ser humano como forma de controle e domínio, são suficientes para dar conta de como ocupamos o espaço e ele próprio nos ocupa.

Lu Martins revelará uma discussão possível com sua obra quando nos demonstra as formações político-morfológicas e os processos de desenvolvimento e territorialidade.

A terra, espaço, ocupação, adequação, controle e posse. Há alguma forma de entender o espaço atual e delimitado da Barra Funda, senão pelo uso/passagem/rotina que se fixa no interior das pessoas que ali vivem e transitam? Acredito que pertencemos a um território na mesma medida em que ele nos pertence; ele nos contamina e nós o moldamos com nossas vidas.

A impossibilidade de fazer cartografias reais sugere muito mais que mil platôs. Pensaríamos em quais tipos de construção somos capazes de fazer em uma várzea? Se sua topografia sobre ou desce, até que ponto podemos subir ou descer o rio Tietê, que nos banha? O nosso solo não seria vermelho se a contaminação não chegasse aos lençóis freáticos? O que sabemos é que os edifícios não tem limites concretos ou naturais e sobem aos céus, exageram-se no horizonte e se criam como um fungo vertical.

Chegou o momento *moira* da Barra Funda? O destino máximo que o espaço tem vez é uma forma de mapeamento, é entender a expansão. É o lote que cada um pode ocupar, a devida parte. Já não se pode mais exaurir a terra, então os terrenos são celestes, contruímos no céu.

A Avenida Marquês de São Vicente pode ser a Avenida Faria Lima em um curto-círculo do tempo-espacó. As cores da Barra Funda são as cores das cidades. Se o verde e branco tomou conta por culpa do futebol palmeirense, sabemos que também são os reflexos das baterias antigas da Camisa Verde e Branco, uma das escolas de samba mais tradicionais de São Paulo. Camisa Verde e Branco, Palmeiras Barra Funda.

O Metrô é uma pauta quando pensamos no barulho. Valeria a pena devolver alegoricamente o silêncio ao espaço só para então voltar ao barulho com sua devida atenção? A catraca, a multidão, as cordas de eletricidade são músicas da gente. Assim, Barra Funda é um bairro cujas suas descrições não se limitam à memória do olhar e ocupam também a lembrança do ouvir. O samba deste texto já não fugiu. E se apareceu só uma vez, deverá aparecer novamente quando lembrarmos do Largo da Banana, “onde o samba encontrava o luar”, como canta Juçara Marçal. O berço do samba morreria ali, atacado pelo surgimento de um viaduto e, consequentemente, do progresso, como denuncia Geraldo Filme, atrelado a possibilidade da manifestação artística à produção do espaço urbano.

Como o próprio espaço da cidade, a arte cresce. Ambos têm um agente catalisador comum. Pessoas, e como elas vivem. Alteram o mundo físico, se abrem ruas, criam-se fluxos, moram e se mudam, trabalham. Na arte dão a ver a vida, prestam homenagem e denunciam, falam, pensam, cantam, se movimentam e se percebem presentes; se fazem presentes.

E se o progresso é essa máquina de “surgir viadutos”, ocupamos as ruas pela contramão. Seja pelo silêncio dos abafadores, que calam as vias férreas, seja pela bateria de samba percorrendo a Zona Autônoma de Passagem junto com carros e pedestres. O Controle de Pragas soltou ratos pelas calçadas que nos levam ao nosso bar-residência, lugar de ócio-trabalho. Lugar de extensionar: uma rua da Barra Funda.

Saidiya Hartman ao ensaiar sobre o conto de um homem negro, que acreditava ser o último vivo no mundo, diz: “seu corpo se tornou um sensor”. Corpo é onde iniciamos e terminamos nossa experiência no mundo; o descobrimos na primeira infância, depois nossa relação com o mundo é mediada por ele. Há uma memória na carne humana que se impõe sobre nosso comportamento.

A mudança de região do Ateliê³⁹⁷ nos fez levar a Barra Funda conosco para outro bairro da cidade, cujas apropriações financeira já estenderam seu tapete há tanto tempo quanto, a região do Higienópolis. O afastamento da margem pareceu ter um prenúncio do que será visto nessa exposição, mirando seu caráter sempre nômade, mas correspondente, de artistas sem casa fixa nos grande centros urbanos, cuja própria materialidade do espaço e as maneiras de interação entre corpos e concretos são as formas do trabalho ou as formas de se trabalhar.

Para a arte, usamos do meio, da forma, fazemos escolhas. seleções que exibem um contexto que não se pode ser ignorado. É vida na cidade, vida no concreto, vida no centro, vida no tempo, vida regulada, vida caótica, vida comercial, vida útil, “vida genérica, vida mínima, vida estérial, misera vida.”

alrescha
brunnin rodrigues

Henrique.exe
Mesma hora, Mesmo lugar 2024
Caneta esferográfica
e hidrográfica sobre
papel Canson.



122



Brunnin Rodrigues e
Augusto Calixto
*Espólios de jogo - Várzea
Campeões Copa, 2024*



Troféu "Várzea Campeões Copa"
Guia de calçada do bairro da
Barra Funda e azulejo com
impressão térmica.

Uniformes dos times
S.C. Ateliê397 e
S.E. Instituto de Artes
Moldes de papel kraft,
gesso acrílico, tinta
acrílica, impressão em papel
adesivo e painéis de tapume.

Manual do jogo-perfomance
"Várzea Campeões-Copa"
Impressão sobre papel.



Camila Longo
Escada, 2024
Escultura de madeira
pirografada, miçangas e
tecido de linho bordado
tingido com cianotipia.

126



Daila Almeida
Músicas da Barra Funda, 2024
Impressão sobre papel com
letras de músicas, MP3
player e fones de ouvido.

Thiago Bueno Gomes
ZAP, 2024
Tinta a óleo
e tinta de
serigrafia.



Luah Souza
Jefferson caminhões
(memorialzinho) 2024
Plástico com serigrafia,
tecido e rodinha.





**alrescha
a estrela, 2024**
Chapas de cartão e
cartões de ponto.



